

“A COR DAR” EM DISTINTOS SENTIDOS: EXPLICITANDO A COR DE PELE DA MAIORIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA E CONCORDANDO DE QUE NÃO MAIS PODEMOS NOS FURTAR DOS ATRAVESSAMENTOS DO RACISMO

“Awaken” in different senses: explaining the skin color of the majority of children and adolescents in street situations and agreeing that we can no longer avoid the crossings of racism

“Despertar” en distintos sentidos: explicar el color de piel de la mayoría de niños y adolescentes en situación de calle y acordar que ya no podemos evitar los cruces del racismo

Solanne Gonçalves Alves

<https://orcid.org/0000-0002-5962-6468>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psiquiatria-IPUB, Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS) do Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Pedro Vidal

<https://orcid.org/0009-0004-3394-4873>

Rede de Atenção Psicossocial da Secretaria Municipal do Rio de Janeiro (RAPS/SMRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Maria Paula Cerqueira Gomes

<https://orcid.org/0000-0002-5811-3302>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS) do Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Resumo: Objetivo: Refletir sobre processos sócio-históricos relacionados ao racismo e vulnerabilização da população negra no Brasil, em especial ao público infantojuvenil que teve suas especificidades reconhecidas tardiamente no país. **Descrição da imagem:** Essa ilustração compôs a capa da tese de doutoramento de uma terapeuta ocupacional, a qual foi produzida pelo multiartista Pedro Vidal, representando os distintos territórios de favelas e “asfaltos” que compõem as paisagens das cidades, os quais crianças e adolescentes em situação de rua ainda atravessam e sentem em seus corpos a desigualdade étnico-racial e social, forjadas ao longo da história da colonização europeia e perpetuadas aos dias atuais.

Palavras-chave: Defesa da Criança e do Adolescente. Micropolítica. Racismo. Redução do Dano. Serviços de Saúde Mental.

Abstract: Objective: Discuss the social and historical processes related to racism and vulnerability of the black population in Brazil, especially children and young people under 18 years old whose specificities were recognized late in the country. **Image description:** This illustration made up the cover of an occupational therapist's doctoral thesis, which was produced by multi-artist Pedro Vidal, representing the different territories of the slums “favelas” and the tarmac “asphalts” that make up the city landscapes, which children and teenagers homeless still go through and feel in their bodies the ethnic-racial and social inequality, forged throughout the history of European colonization and perpetuated til today.

Keywords: Child Advocacy. Micropolitics. Racism. Harm Reduction. Mental Health Services.

Resumen: Meta: Reflexionar sobre los procesos sociohistóricos relacionados con el racismo y la vulnerabilidad de la población negra en Brasil, especialmente niños y jóvenes cuyas especificidades fueron reconocidas tardíamente en el país. **Descripción de la imagen:** Esta ilustración constituyó la portada de la tesis doctoral de un terapeuta ocupacional, que fue realizada por el multiartista Pedro Vidal, representando los diferentes territorios de favelas y “asfaltos” que componen los paisajes urbanos, que aún niños y adolescentes sin hogar atraviesan y sienten en sus cuerpos la desigualdad étnico-racial y social, forjada a lo largo de la historia de la colonización europea y perpetuada hasta nuestros días.

Palabras-clave: Defensa del Niño. Micropolítica. Racismo. Reducción del Daño. Servicios de Salud Mental.

Como citar:

Alves, S. G.; Vidal, P.; Gomes, M. P. (2024). “A cor dar” em distintos sentidos: explicitando a cor de pele da maioria de crianças e adolescentes em situação de rua e concordando de que não mais podemos nos furtar dos atravessamentos do racismo. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 8(4), 2735-2739. 10.47222/2526-3544.rbto64268.

Essa ilustração (Figura 1), foi desenvolvida pelo enfermeiro e multiartista Pedro Vidal, representando os distintos territórios de favelas e "asfaltos" que compõem as paisagens das cidades. Territórios e paisagens nos quais crianças e adolescentes em situação de rua ainda atravessam e sentem em seus corpos¹ a desigualdade étnico-racial e social forjadas ao longo da nossa história de colonização europeia.

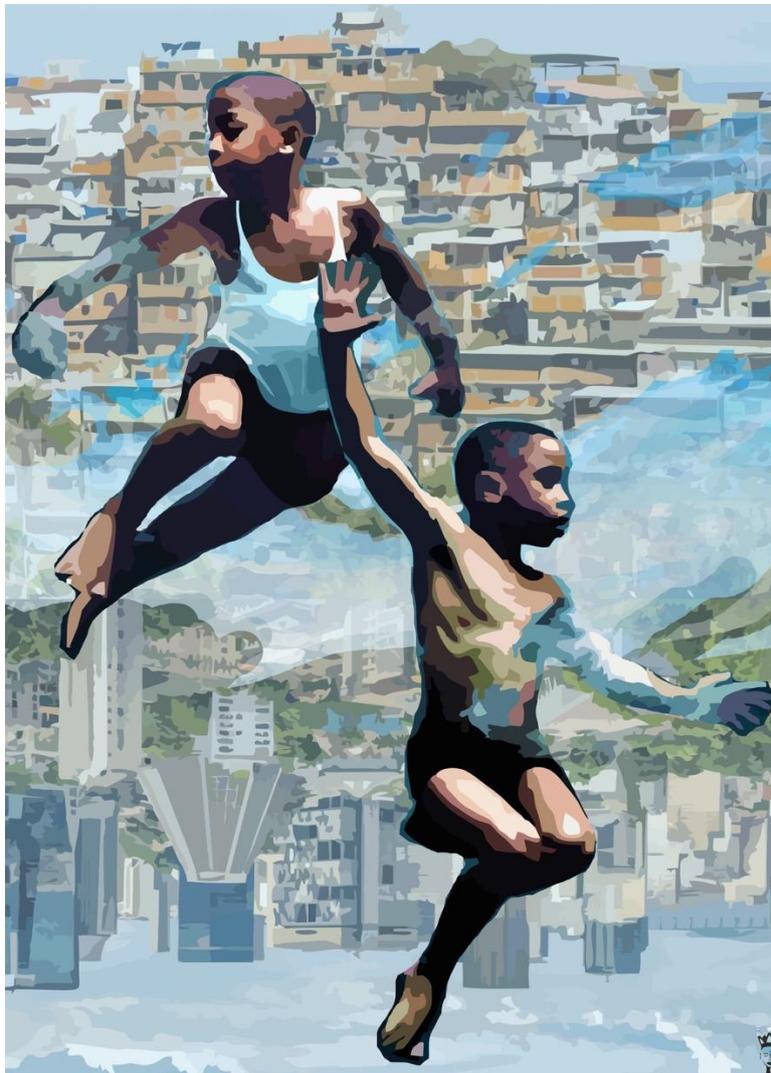


Figura 1. A gente tem que ficar na paisagem”: tentativas e possibilidades do cuidado em liberdade na RAPS Infanto-Juvenil (Rede de Atenção Psicossocial) de um município do Estado do Rio de Janeiro”

Autor: Pedro Vidal (2024)

Tal ilustração foi produzida para compor uma capa de tese de doutoramento, enquanto produto de uma pesquisa cartográfica, que acompanhou equipes da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) Infantojuvenil de um município do estado do Rio de Janeiro. Proposta cartográfica essa que permitiu à pesquisadora vivenciar um processo de produção de conhecimento concretizado no encontro entre corpos: da

¹Ao longo do texto, foi realizado um exercício de flexionar o gênero de forma neutra, considerando a adoção de um posicionamento ético-político, contra-hegemônico e de que todas as vidas importam. Pois, as relações de poder são oriundas das lógicas colonialista-patriarcal-machista, nas quais o masculino foi imposto como padrão a ser utilizado como maioria (no caso da flexão do plural) mesmo quando é/era minoria. Assim, o reconhecimento do uso da linguagem neutra como um dialeto válido e inclusivo às pessoas que reconhecem sua identidade de gênero como não binária ratifica a importância da “*diversidade de marcação de gênero gramatical*” como fundamental para a (s) conquista (s) e manutenção de direitos (amparos político-sociais) de grupos estruturalmente oprimidos (Oliveira & Ramos, 2023, p. 250). Ainda, a palavra “corpe” embora utilizada ora como substantivo, ora como adjetivo, está assim grafada considerando a importância de outras (des)construções da língua (o)culta, (re)produzindo a pluralidade de maneiras de experienciar e performar no mundo, relacionar-se e se afetar (identidade de gênero, orientação afetiva- sexual).

pesquisadora, de usuáries/familiares e de profissionais, reconhecendo todes como produtores de conhecimento (Alves, 2024).

Assim, a imagem em questão foi um convite à reflexão dos processos sócio-históricos relacionados ao racismo e vulnerabilização da população negra no Brasil, em especial ao público infantojuvenil que teve suas especificidades reconhecidas tardiamente no país. Na imagem, os suntuosos prédios do asfalto podem ser vistos de cabeça para baixo para quem olha da perspectiva da favela, mas também podem ser o reflexo da água do mar, em cujas ondas meninos estão pulando. Assim como pula(va)m os muros institucionais que não subsidia(va)m suas necessidades veementes, quer sejam das escolas, ou dos abrigos que mais do que abrigar deveriam acolher², mas ainda hesitam.

No início dos anos 1990, embora o Estatuto da Criança e do Adolescente³ (ECA) tenha reconhecido as crianças e adolescentes como sujeitos de direitos, cidadãos, como grupo prioritário, considerando o estágio de desenvolvimento biopsicossocial, de acordo com a dinâmica do processo maturacional, amparades pela doutrina da proteção integral, as precárias condições de vidas vulnerabilizadas se repetem há gerações no país. A vulnerabilização é o processo, condição, ou situação na qual a pessoa é exposta, com a possibilidade de ser lesada ou ferida; sendo uma construção social oriunda do capitalismo que impede o exercício da cidadania (Furlan & Raiol, 2023).

O termo "cidadania" se refere ao exercício dos direitos de ir e vir sem o risco da morte, devido à cor da pele; de morar em locais salubres; de estudar com metodologias pertinentes à cultura local; de trabalhar de modo protetivo à vida, à faixa-etária e receber um salário digno; de se alimentar de maneira a se nutrir; de cuidar da saúde e dos adoecimentos que surgirem nas perspectivas da redução de danos e riscos, com respeito às práticas ancestrais e integrativas, expressando livremente sua religiosidade/espiritualidade; do exercício da maternagem; do acesso aos espaços culturais e de lazer da cidade, considerando os diversos modos de levar a vida. Reconhecendo as condições de sobrevivência da população em situação de rua e a não garantia dos direitos constitucionais supracitados, é possível concluir que os direitos das crianças e adolescentes pobres, de maioria negra, ainda não estão sendo praticados, como almejados, ou era isso mesmo o esperado pelo capitalismo e desde a abolição da escravatura?

Nas concepções africanas, o tempo é a paisagem habitada do corpo e espiralar é a ideia de que o tempo pode ser experimentado com simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro. Desta forma, o tempo potencializa a palavra proferida como lugar de expressão da experiência temporal, incluída em linguagens processadas pelo corpo, compostas por outras percepções que no/pelo corpo as traduzem (Martins, 2021). Assim, a imagem em questão simboliza as vivências desta cartografia

² A Lei nº 12.010 de 2009 substituiu o termo abrigo por acolhimento institucional. Esta mudança é uma tentativa de ressignificar o dispositivo institucional de lugar para guardar/abrigar crianças e adolescentes, para um lugar onde possam ser acolhidos em suas especificidades, preservando a esfera afetiva, aspecto fundamental para o desenvolvimento humano. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm

³ O ECA foi instituído pela Lei nº 8.069 de 1990. Em consonância ao ECA, em 2006, a **resolução nº 113 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda)** dispôs sobre os parâmetros para a institucionalização e fortalecimento do Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente (SGDCA), composto por diversos atores e setores articulados. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/conselho-nacional-dos-direitos-da-crianca-e-do-adolescente-conanda/resolucoes/resolucao-no-113-de-19-04-06-parametros-do-sgd.pdf/view>

que acompanha experiências de vidas resistentes às violências perpetradas em corpos infantojuvenis e de trabalho na atenção psicossocial com disputas de distintas lógicas entendidas como cuidado, quer fossem normativas, emancipatórias ou moralizantes.

A imagem não está no presente. No presente está aquilo que a imagem representa... a imagem mesma é um conjunto de entrelaces de tempo dos quais o presente apenas decorre (Deleuze, 2016, p. 306).

No passado que se repete no presente, as crianças e adolescentes em situação de rua são maioria pretas e negras, com baixa escolaridade (Alves et al, 2023). Se a segregação espacial é um dos efeitos do racismo, esta é uma herança colonial da qual precisamos cuidar dos efeitos, construindo ferramentas de cuidado em saúde (mental) antirracistas e antimanicoloniais (David et al., 2024). Pois os manicômios não são somente as estruturas dos antigos hospitais psiquiátricos que aprisiona(va)m e viola(va)m corpos, de maioria retinta, em nome de um "cuidado" excludente. Manicômios também são os desejos sociais de higienizar as cidades, de invisibilizar as vulnerabilizações, sobretudo de crianças e adolescentes que precisa(va)m de proteção.

Proteção essa que pode ser construída, em liberdade, como cuidado junto a cada usuárie. Mas, quais lugares, físico e/ou subjetivo, são esses que as equipes de saúde (mental) precisam ocupar, cujos profissionais podem alocar seus corpos e projetos de cuidado? Sobretudo, daqueles (as) usuáries que não chega(ra)m aos serviços (ainda), ou que não vão chegar mesmo, mas o cuidado precisa ser concretizado.

As equipes dos serviços que compõem a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) Infantojuvenil necessitam posicionar seus corpos extra-muros institucionais, reduzindo danos e riscos a cada usuárie, pelas ruas e territórios onde as vidas acontecem e que há prostituição e trabalho infantil, abandono escolar, usos de droga(s), sofrimento mental, insegurança alimentar, violências e diversas outras vulnerabilizações. A oferta de cuidado em liberdade e antimanicolonial pode ser aquela na qual corpos profissionais porosos estão disponíveis ao encontro com usuáries e suas diversidades.

É preciso considerar os aspectos (inter)culturais, as características dos territórios e as subjetividades de envolvidos. Tais considerações compõem a micropolítica do cuidado: concretizada a partir do encontro, o qual produz conhecimento(s) de si e de outres (Merhy, 2023). Assim, somente corpos profissionais porosos aos encontros são capazes de construir junto com cada usuárie possibilidades concretas de cuidado, de sustentação do autocuidado; de construir e fortalecer vínculos, reconhecendo as especificidades de sujeitos envolvidos no processo do cuidado: usuárie/familiar, bem como com outres profissionais/serviços que possam concretizar o acesso aos direitos que não estão sendo garantidos, quer sejam da saúde, da assistência social, cultura ou educação. É imprescindível que as ações estejam articuladas intersetorialmente, considerando a complexidade desta demanda de sustentação do Sistema de Garantia de Direitos das Crianças e Adolescentes em questão.

Se o ditado "*deu branco*" nos remete ao esquecimento; a-cor-dar, no sentido de colorir, de preto, remete aqui ao sentido de rememorar e explicitar as consequências da segregação fomentada à

população negra. População essa marginalizada do acesso aos direitos constitucionais, cuja sustentação do racismo foi/é sentenciá-la como inferior, perigosa e/ou criminosa, institucionalizando-a em dispositivos segregacionistas, tais como em unidades de internação de adolescentes em conflito com a lei.

Desde a escravização, a supremacia branca controla as imagens para manutenção do sistema de dominação étnico-racial. Por isso, as imagens se concretizam como disputas no campo da representação, a qual explicita o jogo entre cultura, história e poder. Assim, para combatermos o racismo e suas conseqüentes desigualdades étnico-raciais, precisamos fomentar outras imagens, contestar as formas/estruturas dominantes, quer sejam linguísticas, discursivas, ou ideológicas sobre corpos e sujeitos. Sobretudo incluindo neste debate aliadas não negres, convidando esses atores a desconstruir suas perspectivas colonizadoras (Hooks, 2019).

"Acordar" as equipes do Sistema de Garantia de Direitos de Crianças e Adolescentes é explicitar que podem cuidar mais e/ou de formas diferentes das atuais (normativas e moralizantes). "Acordar" é não mais nos silenciarmos e compartilhar os sofrimentos que tais sujeitos de direitos vivenciam no seu cotidiano, ao não acessarem serviços que poderiam subsidiar seu desenvolvimento biopsicossocial; é "acordar os da casa-grande de seus sonos injustos" (Evaristo, 2020). Assim, essa imagem transformada em palavras agenciadas foi/é um passo/forma de poder/fazer falar, não ao acaso, mas sim intencionado, de compartilhar aprendizados-cartografados de sujeitos-expressões corporais que pulam muros institucionais, que lutam por comida, mas também por justiça sociais, que sonham seus mundos fora das ruas.

Referências

Alves, S. G. (2024). "*A gente tem que ficar na paisagem*": processos de trabalho e de cuidado de equipes da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) Infantojuvenil de um município do estado do Rio de Janeiro. [Tese de Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social do Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro].

Alves, S. G., Souza, N. P., & Gomes, M. P. C. (2023). "Nessa rua, nessa rua falta proteção": uma revisão de escopo sobre crianças e adolescentes, em situação de rua no Brasil. *Saúde em Redes*, 9(3), 1-19. <https://doi.org/10.18310/2446-4813.2023v9n3.4202>

David, E. C. et al. (2024). Desnortear, aquilombar e o antimanicolonial: três ideias-força para radicalizar a Reforma Psiquiátrica Brasileira. *Ciência e Saúde Coletiva*, 29(3). <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/desnortear-aquilombar-e-o-antimanicolonial-tres-ideiasforca-para-radicalizar-a-reforma-psiquiatrica-brasileira/18882?id=18882>

Deleuze, G. (2016). *Dois Regimes de Loucos: textos e entrevistas*. Perspectiva.

Evaristo, C. (2020). Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, C. L; NUNES, I. R. (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Mina Comunicação e Arte.

Furlan, M. L. F. & Raiol, R. W. G. (2023). A aplicação do conceito de grupo vulnerabilizado a mulheres migrantes: uma perspectiva interseccional. *Revista Eletrônica Direito e Sociedade*. 11(1), 93-206. <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/redes/article/view/8457>

Hooks, B. (2019). (Trad. Stephanie Borges) *Olhares negros: raça e representação*. Elefante.

Oliveira, A. M. de; Ramos, J. M. (2023). Para além do Binário: reflexões sobre a linguagem neutra. *Criação & Crítica da USP, [S. l.]*, 36, 248-253. <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/208996>

Martins, L. M. (2021). *Performances do Tempo Espiralar: poéticas do corpo-tela*. Cobogó.

Merhy, E. E. (2023) La organización no existe. La organización existe: una conversación sobre la micropolítica del trabajo, la educación permanente y el análisis institucional. In: _____. (Org.). *Micropolítica del trabajo en salud: teoría, métodos y aplicaciones*. Rede Unida; Manágua: OPS/OMS – Nicaragua; Manágua. <https://editora.redeunida.org.br/wp-content/uploads/2023/08/Livro-Micropolitica-del-trabajo-en-salud.pdf>

Agradecimentos: Agradecimentos a Pedro Vidal pelo aceite ao convite de compor com sua arte como dispositivo de transmissão de afetos e reflexões; às crianças e adolescentes ainda em situação de rua, por ensinar o quanto ainda precisamos aprender a cuidar em liberdade; *in memoriam* à Alda Maria Oliveira, ex-diretora do CAPSi (Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil) em que foi realizada a pesquisa, cuja profissional foi acolhedora, além de inspiração no processo formativo da primeira autora, nos últimos 12 anos.

Recebido em: 02/06/2024

Aceito em: 12/08/2024

Publicado em: 31/10/2024

Editor(a): Ricardo Lopes Correia